

Resenha de “A Hora das Crianças – narrativas radiofônicas” de Walter Benjamin, Tradução de Aldo Medeiros, Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

Tereza de Castro Callado

O livro de Walter Benjamin *A HORA DAS CRIANÇAS* é uma reunião de vinte e nove narrativas que foram direcionadas ao público infantil, através do rádio. Elas foram escolhidas entre as 86 peças (*Hörspiele*) apresentadas pelo filósofo de 1927 a 1932. Originariamente transmitidas pela *Jugendstunde* de Berlim e a *Stunde der Jugend* de Frankfurt, as histórias publicadas aqui dão a dimensão do pedagogo discreto e engenhoso que se revela no pensador berlinense. O atrativo para a criança (e naturalmente para os pais) está no sabor cotidiano da diversidade de temas sobre cultura, política, história, economia, tecnologia, com o tempero levemente jocoso e brincalhão do método que torna palatável o sério e o comportado das transmissões. Na primeira, dedicada ao dialeto berlinense, aparecem as figurações comentadas, há cem anos, (partindo da data da emissão radiofônica), por escritores berlinenses que se tornaram famosos em toda a Alemanha. Entre os personagens se destacam o aprendiz de sapateiro, o feirante, o dono do botequim, o Inspetor de esquina Nante – uma criação de Glassbrenner para representar o proletariado -, e o camelô, afiando suas histórias para encantar o passante com geringonças e produtos mágicos, entre eles o “tira-manchas universal” ou “o engomador de gravatas”.

Na transmissão “*O teatro de marionetes em Berlim*” é mostrada a origem do teatro de marionetes na *Guerra de Trinta Anos*, quando bandos de mercenários perambulavam, sem ocupação ou soldo, pelos campos, tornando as estradas perigosas para os grupos de atores, forçados, pela profissão, a viagens frequentes. Esse obstáculo favoreceu a substituição de atores por marionetes, comandadas por um bonequeiro que como um “déspota” criava e interpretava sozinho muitas vezes com sua voz, vários personagens. No ensaio “*Über das Marionettenbheater*” (sobre o teatro de marionetes), o autor, Heinrich von Kleist, citado por Benjamin, recomenda, ao bonequeiro, a agilidade de um bailarino, se ele quiser dominar, “com maestria” o movimento das pequenas figuras. O domínio de Benjamin sobre a extensão do assunto mostra também que “aqueles teatros de marionetes em constante atividade, (como o Papa Schmitt em Munique, que completou 91 anos na época do filósofo), o de Colônia, com 92 anos, o de Paris e Roma, superam o de Berlim que deixa a desejar nos primeiros anos de 1900, se comparadas as apresentações do *Kasperle*, de cem anos atrás”. Essa “personagem, de nariz longo, largo sorriso e sempre com um capuz na cabeça, possui um humor vivaz, esperteza e língua

afiada”, aparecendo até em “Fausto”. Se alguém for indagado sobre o motivo do rápido crescimento do teatro de marionetes com certeza dirá: “Por ser mais barato do que o outro”. O fato é que esse teatro se desenvolveu largamente, mantendo apresentações nas chamadas “Exposições Humorísticas de Natal” que aconteciam nas famosas confeitarias, dando lugar mais tarde ao teatro de marionetes mecânicas de *Julius Linde* ou ao grande teatro-piscina *Nattkes*, sob o slogan “A diversão feita com bom humor e decência traz um benefício que é do conhecimento de todos.”

A transmissão “*Um menino nas ruas de Berlim*” comenta a biografia do berlinense Ludwig Rellstab, plena da mais profunda lembrança de sua infância, quando, no verão, “o pai se hospedava com a família inteira em uma casa de campo”, localizada, imaginem onde, no Tiergarten: meio a uma floresta de áreas silvestres “pés de framboesa cresciam em prados úmidos e morangos ofereciam uma rica colheita”. A descrição desse antigo morador é comparada às impressões de Franz Hessel em “Passeio por Berlim” realçando a vegetação espessa de labirintos estonteantes antes que “o último imperador transformasse o parque natural num local notável e bem sinalizado”.

“*Passeio pelos brinquedos de Berlim I e II*” faz uma viagem pelos brinquedos de Berlim, a partir de uma narrativa do livro de Godin. Esse conto de fadas realça, na personagem Tichen, a inteligência da menina, na tarefa de salvar os irmãos do feitiço de um bruxo malvado. Tichen se salva do feitiço pela fada delicada Concordia, mas ela não pode esquecer, na sua trajetória, a promessa que fez à fada - com a decisão de restituir a liberdade aos irmãos - de renunciar a toda a sedução que encontra, no seu caminho, que tem por fim dissuadi-la do propósito inicial. Muito especial nessa crônica, é a oportunidade de criar um documentário sobre a origem da fabricação de brinquedos, incluindo a descrição da dificuldade do artesão, quando se tratava, por exemplo, de confeccionar uma casa de bonecas, o que exigia o trabalho de muitos mestres do artesanato de diferentes ofícios, como o entalhador, o que produzia utensílios em latão, para cozinha, o serralheiro, e ainda mais dificultado pela localização “no mais profundo dos bosques da Turíngia e da Boêmia” e nos confins do Erzgebirge, tudo isso contando com o trânsito paralisado pela neve e o gelo que fechava os desfiladeiros.

Borsig se chama a transmissão sobre a fábrica Borsig, responsável pela construção de locomotivas padrão e modelo para as locomotivas da Rede Ferroviária da Alemanha. Essa empresa que chegou a construção da locomotiva número 12 mil, narra Benjamin, conta entre as causas que fizeram de Berlim uma cidade de 3 milhões de habitantes, na época do filósofo. Ela produzia, além de locomotivas, caldeiras, motores de navios, turbinas a vapor, tubulações, equipamentos para laboratórios químicos e muitos outros produtos. O escoamento de todo esse material fabricado era feito, ou através de uma

estrada de ferro que saía diretamente dos galpões da empresa, ou pelas embarcações ancoradas às margens do lago Tegel, que o levavam a Havel e ao Elba, e até Hamburgo, de onde era conduzido aos clientes do outro lado do oceano, que o haviam encomendavam. A empresa contava com uma equipe de profissionais que se encarregavam da formação de 300 jovens aprendizes, e com a disponibilidade de 100 máquinas preparadas para serem manuseadas pelos alunos, que podiam dispor de um cinema, aulas teóricas e a escola profissional durante quatro anos. Encantadoras são as estufas de plantas, com que o homem que fundou a Borsig, tentava “compensar a visão das máquinas pesadas” e onde estavam expostas espécies exóticas encontradas pelo grande naturalista Alexander von Humboldt, que ainda chegou a presenciar os festejos da conclusão da centésima locomotiva da Borsig, em 1847.

Seguindo o roteiro das transmissões, temas pitorescos como *As casernas de aluguel* ou *As fraudes em filatelia*, *Cagliostro*, ou *Processos contra bruxas*, *Bandoleiros na antiga Alemanha*, *Os bootleggers*, ou *O incêndio no teatro de Cantão*, se prendem, num suspense, a respiração dos pais, fazem os jovens perderem o fôlego, garantindo o sucesso da próxima audição. A grande habilidade para contornar temas sérios, informando o jovem e a criança sobre os eventos preocupantes da História bem como dos acidentes, no dia a dia, aparece em *A destruição de Herculano e Pompeia*, *O terremoto de Lisboa*, *O incêndio do teatro de Cantão*, *O desastre ferroviário da ponte do Rio Tay*, *A enchente do rio Mississipe em 1927*.

O grande talento para desfazer os equívocos da História também aparece em *Processos contra bruxas* que Benjamin narra, a partir do conto de fadas sobre a bruxa, em “João e Maria”, interrogando as crianças, no rádio, se elas já haviam se dado ao trabalho “de pensar de onde vem a bruxa, o que ela faz ou deixa de fazer, o que ela acha do diabo ou do bom Deus”. E Benjamin conta como se desenvolveu o preconceito que criou essa personagem, sentindo-se à vontade para explicar o hábito que as pessoas possuíam, durante séculos, de acreditarem em bruxas e de se protegerem contra elas com amuletos e talismãs. Explica também que mesmo o advento do cristianismo não mudou muito essa situação, pois os cristãos se opunham à crença no poder do mal. Sobre a superstição acerca do poder dessas mulheres consideradas bruxas foi escrito “O martelo das feiticeiras”, publicado em 1487 e amplamente divulgado em largas reimpressões, trazendo com isso grande desgraça à humanidade, pois o livro fazia as pessoas acreditarem que essas mulheres, que eram apontadas como bruxas, faziam a vontade do diabo. E nada do que elas fizessem, para dissuadir a população desse preconceito, poderia livrá-las do julgamento injusto, de serem apedrejadas em praça pública, e de arderem em uma fogueira. A esse arsenal de equívocos juntava-se a opinião de “ditos filósofos” que chegavam a se pronunciar acerca da veracidade da existência das bruxas, em falsos silogismos:

“Aquele que nega a existência de bruxas, nega também a existência de espíritos, pois as bruxas são espíritos. Quem, contudo, nega a existência de espíritos, nega também a existência de Deus, pois Deus é um espírito. Assim, quem nega a existência das bruxas, nega também a Deus.” Assim não se tem conta de quantas pessoas perderam a vida sob a unanimidade geral e a assinatura até dos “doutores da lei, em processos contra a chamada bruxaria, que não poupavam ricos nem pobres, médicos ou cientistas, catedráticos ou ministros e padres, todos eram levados a fogueira. Para isso os monges recebiam do papa plenos poderes sob a alegação de combaterem a heresia (as bruxas eram sempre consideradas hereges), estando esse poder ligado à jurisdição religiosa dos bispos, até que, em 1532 Carlo V introduziu o famoso *Código Criminal Carolino* ou “Regulamento Judicial para Crimes Capitais”, que incluía a pena de morte, pela fogueira, para crimes de feitiçaria. Benjamin segue narrando a lista de injustiças cometidas na História. No caso da feitiçaria, “a confissão do autor era suficiente, mesmo que não houvesse provas”. Isso era agravado pelo fato de que era praticada a tortura para arrancar uma falsa confissão. Havia portanto o teste das lágrimas: “se alguém não chorasse de dor durante a sessão de tortura, então isto era prova de que o réu tinha pacto com o diabo” – e foi preciso que se passassem 200 anos, até que os médicos, por mera observação, “ousassem afirmar que o ser humano não chora quando sente uma dor muito intensa”. Enfim, chegou a levar cem anos ou mais, a batalha para a revogação das leis que criminalizavam pessoas apontadas por práticas de bruxarias, acusação essa que era fruto da mais crassa ignorância, e sem pé e nem cabeça. Enfim os doutores da lei admitiram que já não se podia mais confiar em calúnias e confissões obtidas sob tortura. Entre os livros escritos nessa época, ficou famoso o do jesuíta Friedrich von Spee, “Advertência sobre os processos contra bruxas”. Por muito tempo ele tinha sido confessor de bruxas condenadas à morte e ainda jovem ficara de cabelos brancos. Sendo interrogado pelo motivo do embranquecimento prematuro respondeu: “Porque o tempo todo eu sou obrigado a acompanhar um bando de inocentes à fogueira”. Com sua obra, ele combateu esse escárnio contra a humanidade e, acima de tudo contribuiu para o banimento total dos abusos do poder com sua injustiça, assinada pela pena encolerizada do assassino. O livro encorajou o ser humano a reagir contra as falácias e astúcias da lei.

Magistral também nesse livro é a habilidade de Benjamin para unir a História ao cotidiano das crianças, para conduzir o raciocínio delas e estimular o hábito de pensar. Em *As casernas de aluguel* a protagonista é Berlim - a cidade com maior número de casernas de aluguel (*Mietskaserne*) sobre a terra, motivo que levou a cidade a declarar, com o passar do tempo, uma grande guerra contra elas. Houve épocas em que os militares com suas famílias chegaram a constituir um terço da população. A palavra casernas de aluguel

evoca a natureza militar da criação da cidade, desde o tempo dos *Hohenzollers*, dinastia que governou as regiões de *Brandenburg* e Prússia, a partir de 1415 e mais tarde, o Império Alemão de 1871 (ano da unificação da Alemanha) até 1918. Sabe-se que durante o reinado de Frederico Guilherme I, cada família era obrigada a hospedar soldados de acordo com a dimensão de sua residência. Mas a tropa de 19 mil homens que ficou após a morte do rei, passou a ter em 1786, 36 mil homens, por ocasião do desaparecimento de Frederico, o Grande, o que superlotou as residências, exigindo assim uma decisão do rei. Esse monarca teve que construir oito casernas durante os últimos quatro anos de seu governo. Assim as construções de pedra constituíram a herança da rígida disciplina militar prussiana. Diga-se que ela foi responsável pela maior deserção, na primeira chance que os soldados tinham. Com o passar do tempo e a necessidade de moradia, com o aumento da população, essas estruturas de pedra, que há séculos permaneciam imutáveis, deram lugar a uma remodelação, para o bem-estar dos habitantes. Criaram-se varandas e terraços ajardinados, escadas exteriores, superfícies de vidro no lugar de paredes compactas e impenetráveis, e as pessoas que cada vez mais vão morar nessas casas, tem suas existências transformadas - “mais livres, menos medrosas e menos hostis” - e indiferentes ao espectro da cidade caserna de outrora, a cuja história Werner Hegemann dedicou um belo livro “A Berlim de Pedra”.

Outra emoção que o livro *A HORA DAS CRIANÇAS* provoca, está na arte de narrar sobre a cidade italiana *Nápoles* – que dá nome a uma das transmissões radiofônicas - e aqui o tempestuoso sentimento surge com a evocação ao Vesúvio, nas pinceladas de um artifício a que a inteligência de Benjamin recorre para atrair a atenção dos pequeninos e jovens. Logo nas primeiras linhas ele se refere a um clarão avermelhado no céu. Chega a confidenciar ter subido em outra época ao vulcão e olhado o interior da cratera, e o mais terrível – confessa o “desejo” de assistir a uma erupção. Mas interrompe bruscamente, para descrever a entrada no cotidiano da cidade. Assim mantém o ouvinte num suspense até o final. Não deixam de ser sedutoras também as brincadeiras sobre o burburinho do trânsito, os atropelos, o grito dos pequenos jornaleiros, as estripulias e traquinagens dos garotos, pendurados nas portas e janelas do metrô recém-inaugurado e fazendo desse ir-e-vir a maior diversão. Benjamin continua a descrição da cidade, assegurando que, em contraposição à penúria dos barracões de Portici, Torre Annunziata, Biscragnano e Nocera, na região das fábricas – de onde ele deduz o porquê dos napolitanos não apreciarem o trabalho braçal - viceja a produção de frutas e verduras nas encostas do Vesúvio e a produção de macarrão de todas as formas e tamanhos, que resultam em um comércio próspero que se estende a países como a Índia e os Estados Unidos. Os Napolitanos são também exímios produtores de móveis e artigos em couro, conta, distribuídos

em casas comerciais emparelhadas, onde as mercadorias avançam até a rua, e as vezes os produtos são oferecidos sem loja nenhuma. E para mostrar a habilidade desse povo para o comércio, que pode ser tanto de livros como de objetos de relojoaria, Benjamin conta que até uma carroça encostada a uma esquina pode atrair a multidão para os produtos que ela oferece. E comenta a celebração da *Piedigrotta* – festa de origem romana – que comemora a fertilidade, no dia 7 de setembro - regada a grande comilança, e para a qual, durante o ano inteiro as pessoas depositam 20 ou 30 *soldi* nas mercearias, assegurando assim o seu quinhão de cabrito assado, queijo e vinho. Extasiante é, portanto, o pendor do napolitano para as festas, para as quais servem de motivo os diversos padroeiros espalhados pela cidade - cada um tomando conta de um bairro, manifestando o estilo de vida dos moradores “cheios de vida e de humor”. Cada festa era coroada com um espetáculo de fogos sobre o mar, naquele ano de 1924, quando o filósofo esteve em Nápoles. E aí fica finalmente esclarecido o clarão avermelhado no céu. Mas na observação do filósofo também não passou despercebido o espírito brincalhão do napolitano (e parece que ele foi bem contagiante...!!!), desde a irreverência deliciosa da disputa dos meninos apregoando a festa mais colorida, “com diabruras em frente às casas, nas praças, embaixo de pontes e arcos até o romper da aurora”, tudo sob o estrilar de cornetas adquiridas em cada esquina.

Acredito que esse pequeno exemplo da riqueza de detalhes e de todas as atrações que a narrativa do gênio benjaminiano, transmitiu, em sessões radiofônicas, e que foi reunida no livro ***A hora das crianças***, seja motivo de alegria para aqueles que se interessam pelo pensamento de Walter Benjamin.